

## **A invasão soviética da Hungria (1956)**

Logo em novembro, *O Setubalense* inscrevia no canto inferior esquerdo da primeira página uma pequena notícia sobre a invasão da Hungria pelo Exército russo. Em menos de 30 linhas relatava o que a orientação política de Direita do jornal entendia como fundamental, na linha da propaganda do regime. Partia do princípio de que era do conhecimento dos seus leitores o que se passara nesse país do chamado bloco socialista. Referia apenas a «assombrosa energia (...) [para] resistir até à morte» da população húngara, os seus lancinantes pedidos de apoio internacional e a condenação da invasão pela Assembleia Geral das Nações Unidas (*O SETUBALENSE*, 1946, 5 de novembro: 1).

Mas o que se passara na Hungria tinha contornos muito mais profundos e distintos do que a visão instrumental veiculada pela notícia. No XX Congresso do PC da União Soviética (14-26 de fevereiro de 1956) criticaram-se os crimes de Estaline e o culto da personalidade e reabilitou-se Tito, o dirigente jugoslavo excomungado pelos soviéticos dez anos antes. O que teve impacto em diversos países do bloco soviético, como na Polónia, com a revolta dos 15 mil operários da fábrica de locomotivas de Pozdam, que foi reprimida. Tudo isto entusiasmou os quadros e militantes do PC húngaro e, por arrastamento e oportunismo, também os setores anticomunistas, contra a natureza autoritária das chamadas «democracias populares» e contra a degradação das condições de vida dos trabalhadores.

As purgas de inspiração estalinista nos países do bloco soviético haviam sido tremendas entre 1948 e 1951. Qualquer suspeita de oposição era encarada como pró-americana e implacavelmente reprimida. O PC da Checoslováquia perseguiu e expulsou um milhão de militantes, o húngaro quatrocentos mil, o polaco e o romeno trezentos mil cada, o búlgaro cento e cinquenta mil.

Era contra esse ambiente e essa realidade que operários, estudantes e intelectuais húngaros se erguem. Reclamam a reabilitação dos dirigentes e

militantes perseguidos pelos estalinistas, multiplicam os pequenos jornais e os clubes de natureza abertamente política, sucedem-se as reuniões públicas, a organização estudantil ganha fôlego.

Os estudantes de Budapeste fazem uma grande reunião onde defendem o restabelecimento da democracia, o regresso dos dirigentes expulsos e, alguns mais entusiasmados ainda, querem a retirada das tropas soviéticas. Aprovam aí uma declaração a que acrescentam a eleição dos dirigentes do partido por voto secreto, a recomposição do governo, a demissão dos dirigentes estalinistas, a realização de eleições livres e pluripartidárias, o direito à greve, aumentos salariais e a revisão dos tratados com os soviéticos.

O governo treme com a audácia estudantil, ameaça chamar o Exército para reprimir uma manifestação convocada para homenagear um herói patriota húngaro, mas, como estava internamente dividido, cede. A manifestação que se dirige ao Parlamento é imensa, dão-se vivas à liberdade, canta-se A Marselhesa e, de uma das janelas do Parlamento, reclama-se a democracia socialista. Mas quando a manifestação se dispersa, a polícia secreta atua carregando e prendendo os manifestantes. A manifestação reacende-se e a polícia reage a tiro.

O governo não consegue controlar a situação, apesar das cedências nalgumas reivindicações, e o Exército fratura-se. No dia seguinte, os trabalhadores declaram uma greve geral. Os soviéticos percebem o descontrolo, impõem substituições na chefia do governo e reforçam a sua presença militar. Mas a insubmissão prossegue. Criam-se novos órgãos de poder – Conselho Revolucionário, Comité Nacional, Conselho Socialista da Revolução, Conselho de Operários e Soldados, Conselho Nacional revolucionário. Insistem os revoltosos na retirada das tropas soviéticas, em eleições livres. Misturam-se reivindicações de feição socialista e de feição liberal. O movimento é muito plural. Há setores socialistas, outros estritamente democráticos, nacionalistas, conservadores, anticomunistas. Têm parte do Exército do seu lado, incluindo oficiais de alta patente. Querem romper com a tutela soviética. Defendem uma Hungria livre, independente, democrática e socialista.

Claro que os setores nacionalistas de Direita, apoiados pelos americanos, querem a derrota total dos soviéticos. A negociação torna-se cada vez menos possível num quadro de grande radicalização. E, em 4 de novembro de 1956, as forças militares soviéticas ocupam, maciçamente, Budapeste. Os meios di-

plomáticos soviéticos asseguram, por seu turno, que ninguém nas democracias populares apoiará a revolta húngara. Toma posse um novo governo acentuadamente pró-soviético. Combate-se abertamente nas ruas. Até dia 20 haverá bolsas de resistência, principalmente nos bairros operários. Ensaia-se ainda a coordenação dos Conselhos como contrapoder. As tentativas de negociação resultam completamente infrutíferas. É desencadeada uma nova greve geral de dois dias, em dezembro. Porém, a repressão endurece. O governo ameaça os grevistas com a pena de morte. A revolta é derrotada, e, pelo caminho ficam dois mil mortos, 200 mil refugiados e, sobretudo, uma enorme esperança coletiva jugulada. A realidade era, afinal, bem diferente do que noticiava *O Setubalense* fazendo eco da propaganda salazarista. [JM]

[HTTPS://ACERVO.OGLOBO.GLOBO.COM/FATOS-HISTORICOS/UNIAO-SOVIETICA-ESMAGANDO-REBELIAO-NA-HUNGRIA-DEIXANDO-8-MIL-MORTOS-10456063](https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/uniao-sovietica-esmagando-rebeliao-na-hungria-deixando-8-mil-mortos-10456063)



Populares de Budapeste tomam um tanque soviético usado para esmagar a revolta de 1956

Os acontecimentos na Hungria, *O Setubalense*, 5/11/1956



HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SETÚBAL